

Vicente:. O acopiarense dos sete mares

Por JB Serra e Gurgel

Vicente Paula Cavalcante, 70, nascido em 12.01,1942,a exemplo de Zé buchinho, figura folclórica da cidade, nasceu em Lages, mudou-se para Afonso Pena e depois para Acopiara, mas diferente dele, varreu os céus , terras e mares, como paraquedista do Exército, vendedor no Rio e no Espírito Santo, garçon em navios do Lloyd Brasileiro, embarcando e desembarcando navios cargueiros ou de cruzeiros, em portos de muitas marias, conquistou mais do que sete mares, Atlântico, Pacífico, Mediterrâneo, Caribe, Tirreno, Báltico, Adriático, do Norte, os dois famosos canais do Panamá e Suez e muitos golfos e baías. Uma vida dedicada aos mares, ondas,marés, ilhas, portos, proas, popas, armazéns, calados, comandantes , suboficiais. Entende tudo de navios e oceanos. Poderia ter sido comandante e mérito da Marinha Mercante ou da Marinha de Guerra,por conhecimento do ofício, certamente desconhecido por muitos almirantes e comandantes de mar e terra.

Filho de Francisco Vieira Cavalcante e Perpétua (Perpetinha) Gurgel Cavalcante, neto de Julio Elpidio da Silva e Antonia Gurgel da Silva, bisneto de Vovô do Rio (Henrique Gurgel do Amaral Valente, um dos refundadores de Acopiara)é irmão de Francisco das Chagas , Luiz Gonzaga (Babel), Tereza e Raimundo Nonato Gurgel Cavalcante, este de criação (adotivo). Não ganhou Gurgelno nome, mas na sua história. Seus pais foram donos de bodega, pequeno comercio em Campos Sales, Catarina,Pedra Branca e Acopiara.

Fez o curso primário em Catarina,a 20 km de Acopiara, para onde seus foram abrir comercio (antes estiveram em Campos Sales) e aos 12 anos já estava no Seminário São José do Crato, onde fez exame de admissão e foi matriculado no 1º ano ginásial e onde estavam um monte de meninos , primos inclusive, de Acopiara. Ficou só dois anos e se transferiu para o Colégio Diocesano do Crato, dirigido pelo monsenhor Montenegro.

Em 1960, aos 18 anos, tomou sozinho uma decisão heroica, mudar-se para São Paulo, na busca de horizontes e de futuro. “Levei Acopiara no coração”, disse.Depois de 12 dias na carroceria de um pau de arara chegou ao eldorado. “tentei sobreviver com dignidade, mas só aguentei quatro meses, trabalhando como garçon em bares na Avenida São João, tomando em seguida o rumo do Rio de Janeiro, onde morava seu tio Teófilo Gurgel, sargento da Marinha, que era sua referência. Foi parar no Catete, na rua Benjamin Constant 70, onde também moravam seus primos José, Jaile e Alcebiades, todos de Acopiara. Ali foi encaixado numa vaga para dormir. Mal tinha um travesseiro, um lençol curto , poucas roupas e uma toalha. No Rio, aproximou-se do deputado federal de Pedra Branca, Alvaro Lins Cavalcante, da família de seu pai, mas não encontrou a acolhida que esperava.

Passou a trabalhar em terra inicialmente como cobrador da Galeria Carioca, de porta em porta, cobrando os carnês de crédito, depois vendeu discos e peças de automóvel. Igualmente de porta em porta. Em 1962, fez o serviço militar obrigatório, onde encontrou dois amigos de infância de Acopiara, Bolivar e Bismarck, filhos de Pericles, e Antonio Catarina, filho de Antonio do Cedro, que eram sargentos e que o levaram para o Núcleo dos Paraquedistas. Depois de cinco tentativas de salto, frustradas, e três meses de estágio , saltou de paraquedas

em Gramacho, sendo brevetado. Dali saiu para integrar o Batalhão de Suez, missão de apoio militar da ONU, em Suez, embarcando no 11º contingente. Lá serviu um ano, viu de perto o conflito palestino/israelense no seu nascedouro,. Voltou ao Brasil, foi morar na Rua do Catete. Mais informado, foi procurar emprego, recomeçando no Laboratório Astra do Brasil, topando ser propagandista no Espírito Santo. Foram oito meses de sacrifícios entre Vitória e Rio.

Em 1965, entrou para o Lloyd Brasileiro, a maior empresa marítima do país, de cabotagem e passageiros, com 60 navios próprios e que chegou a ter 30 navios afretados. A empresa tinha bom conceito mas era má administrada. Tinha quase 100 empregados por navio. Esteve nos quatro navios de cruzeiro, Princesa Isabel, Leopoldina, Rosa da Fonseca e Ana Nery, fazendo a costa brasileira. Foram quatro anos como garçon. Os navios foram fabricados na Iugoslávia e tinham certo luxo. Era alternativa ao avião. Muitas vezes quando chegava ao Rio, dirigentes do Lloyd e apaniguados iam à bordo se fartar da boa comida, boa bebida e dos licores. Ele se recorda até que um ministro navegou numa baita mordomia.

Foi então passar um ano no mundo a bordo do cargueiro Dinamarca Madskou, da Oveskou, como garçon do comandante, taifeiro e serviços gerais. O que aprendeu no Lloyd lhe serviu tempos afóra quando trabalhou por 18 anos para a maior empresa brasileira de despachos marítimos a Agência Lachmann, fundada em 1927, com responsabilidade de resolver parte dos os problemas relativos à chegada e a partida do navios e do pessoal no porto do Rio de Janeiro, junto à Saúde dos Portos, Capitania dos Portos, Polícia Federal e Alfandega, alcançando também abastecimento de combustível e de água potável, escoamento sanitário, mantimentos, proteção do pessoal na escala do navio. “Não era fácil, Marinheiro no porto quer mulheres, diversão, programas. Problemas surgiam do nada , recorda. Deu muito trabalho embalsamar e embarcar um tripulante morto no Rio. Depois de semanas, a família pediu que o corpo fosse cremado!”.

Vicente foi testemunha ocular da grande perda que o Brasil teve com o fim do Lloyd e das demais empresas. “Perdemos a navegação de cabotagem, num país com uma costa de 5 mil km, e de passageiro. Os estrangeiros até hoje fazem a festa, pois 90% das exportações brasileiras vão por navios. Viu também o porto Rio mirrar e renascer em Sepetiba, Itaguaí e no Caju, como novos terminais de containers .

Vicente casou com Lourdes Cavalcante, de Cantagalo/RJ. Tem dois filhos: Wladimir, escrivão da Polícia Civil do Rio de Janeiro, e Silvana capitã médica do Exército. Tem três netos: Isacc, de Wladimir e Rafafel e Laura, de Silvana.

Hoje curte seu tempo entre Campo Grande, Acopiara, Fortaleza, em terra firme. Como dança conforme a musica, conhece os salões da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Recentemente voltou aos mares, no Fantasia, da MSC, que onde caberia os quatro navios do Lloyd, dando um curso de curta duração- sobre os sete mares. Lamenta que Acopiara não tenha porto nem transporte fluvial, lacustre, açudal, barrajal que lhe proporcione condições mínimas de se meter no túnel do tempo.

JB Serra e Gurgel (Acopiara), jornalista e escritor.